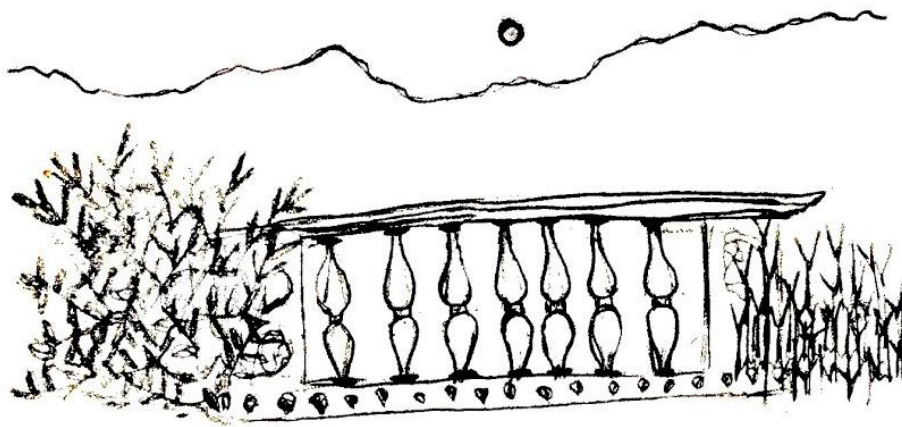


# VINTE E QUATRO HORAS



## Sumário

Capítulo 1.....	3
Capítulo 2.....	4
Capítulo 3.....	5
Capítulo 4.....	9
Capítulo 5.....	10
Capítulo 6.....	11
Capítulo 7.....	14
Capítulo 8.....	16
Capítulo 9.....	20
Capítulo 10.....	21

## CAPÍTULO 1

Amanhã.

Amanhã.

Amanhã.

Sabia que o dia de amanhã ia chegar. Mas não rápido. Se eu apagasse aquelas 24 horas da minha vida eu nunca teria chegado aqui. Mas mesmo se eu pudesse apagar aquele dia, ou voltar no tempo para viver de outro jeito, eu não ia querer.

Durante minha vida inteira, eu fiz tudo que me pediram... Foi um dia que eu vivi segundo minhas próprias regras... O que são 24 horas em 16 anos? Nada. Mesmo assim, essas horas mudaram minha vida, mudaram o jeito de como todos me veem, como me tratam... Eu nunca fui dona da minha própria vida. Já tenho um caminho traçado até minha aposentadoria, provavelmente.

Todos os dias, desde a minha infância, eu tenho horário para tudo. Hora de acordar, de comer, de estudar, horário para tudo. Nunca tinha pensado muito sobre, mas, robôs são programados, e eu também. Eu sou filha única. Meus pais fazem tudo para meu próprio bem...

Naquele dia, eu desviei desse caminho, eu fiz o que eu queria, sem razão nenhuma, só porque eu queria... Não tenho nenhuma prova física do que aconteceu. Nem as roupas daquele dia, nem uma pedrinha que ficou no meu tênis. Tudo foi tirado de mim. Porém, queria registrar aquele dia. Por isso, vou escrever aqui. Provavelmente o último (e primeiro) momento de liberdade que já tive em minha vida.

## CAPÍTULO 2

Eram 17 horas e eu precisava estudar. No dia seguinte eu teria uma prova importante que, se eu passasse, iria entrar em uma escola que eu sempre quis. Na verdade, eu nunca quis entrar naquela escola, meus pais que sempre quiseram que eu entrasse. Eu nunca quis. Esse pensamento foi meu primeiro passo.

Estava pensando nas outras pessoas da minha escola, eles aproveitavam cada dia, pareciam felizes quando as aulas terminavam, cansados, mas felizes. E eu? Eu era feliz? Era menos feliz que os outros alunos. Pensei em como eu não podia falar nada. Não podia ter opinião. Ou melhor, podia, mas precisava ser a mesma do que a dos meus pais. Nunca tinha pensado em tudo isso.

Todos esses pensamentos estavam na minha cabeça já há séculos, mas eu os silenciava. Para mim, era o caminho normal. Só seguir um caminho já formado. Pela primeira vez, estava pensando que talvez não devesse ser assim. Eu nunca fui contra nada. Então, fui ver os meus pais. Eu ia explicar que eu não queria entrar naquela escola e que realmente não me importava em ficar nessa mesma escola. Não fazia sentido eles não aceitarem. É a minha vida, ou pelo menos deveria ser.

Eles nem quiseram me ouvir. Disseram que eram 17:48 e que estava no meu horário de estudo. Que tinha uma prova importante dia seguinte... Já estava no caminho para voltar a estudar só que aí... Fui direto ao meu quarto, peguei a minha mochila, vesti minhas roupas mais escuras e saí pela janela mesmo. Se for para fazer isso, então é melhor fazer direito.

Por sorte, eu moro somente no primeiro andar. Dei meu jeito para não morrer caindo do primeiro andar. Quando vi, eu estava na rua fora de casa com uma mochila sem nada dentro.

### CAPÍTULO 3

Fui andando. Sem objetivo. Não sabia aonde poderia ir. Ainda dava tempo para voltar para casa. Não perceberam ainda. Lembrei da razão pela qual eu saí de lá, tirei essa ideia da minha cabeça no mesmo segundo e continuei andando.

Decidi primeiro deixar tudo que trouxe daquela casa para trás. Comecei a andar. Achei um brechó. Entrei. Perguntei se compravam minhas roupas e minha mochila. Sim, eles compravam. Escolhi novas roupas e uma nova mochila. Tudo preto. Fiz a troca e saí. Já estava melhor. Já tinha anoitecido. Não tinha a menor ideia das horas e não queria saber mesmo.

Tinha uma praça perto da minha casa. Fui indo para lá. Ia andando e percebendo como tudo estava calmo e tranquilo. E deserto. As lojas estavam todas fechadas. A iluminação estava fraca. A praça era mais perto na minha cabeça. Estava demorando a chegar. Continuei. Estava com a impressão que alguém estava me observando. Olhei para trás, não tinha ninguém. Estranho. Continuei andando.

Cheguei finalmente na praça. Só aí eu me perguntei por que eu tinha escolhido ir para lá. Não tinha nada. Continuava com a sensação que havia alguém olhando para mim. Me seguindo.

Tudo que eu decidia, era só o que passava pela minha cabeça e eu estava com a liberdade para fazer o que passasse pela minha cabeça. Cada decisão que eu tomava, eu ficava mais longe da minha casa. Não sabia o que aconteceria no dia seguinte. Nem sabia o que aconteceria na próxima hora. E eu estava amando isso.

Sentei em um banco. Apoiei minha cabeça no banco e olhei o céu. Havia algumas nuvens naquele céu escuro estrelado.

Estava pensando, mas não sobre minha situação. Estava pensando como o clima estava frio para uma noite de maio, como as nuvens estavam imóveis, como eu nunca tinha parado para observar as estrelas assim.

De repente, eu percebo uma presença ao meu lado. Levo um susto. Ouço um riso. Mas não um riso adulto, que era o que eu esperava. Esperava

que meu pai ou minha mãe surgisse do nada para me levar para casa. Não tinha percebido que eu realmente esperava que meus pais viessem me buscar.

Eu realmente estava perdida, sem saber o que fazer. Mas na hora eu não pensei em nada disso. Meu objetivo era só ir para longe e mais longe daquela casa. Quase esqueci a presença ao meu lado. Estava aliviada por não serem meus pais, mas tensa porque era uma pessoa desconhecida.

Eu olho para o lado. Era um menino. Da minha idade. Talvez um pouco mais velho. Eu não falei nada. Ele não falou nada. Nos olhamos e quase pareceu que eu o conhecia. Voltei a olhar para o céu. Ficamos parados assim um tempo. Não sei quanto tempo. Poderiam ser cinco minutos ou uma hora, eu não saberia dizer. Absolutamente do nada, ele disse:

- O que você está fazendo aqui fora tão tarde? Você não vai preocupar seus pais?

- E você? O que está fazendo aqui?

- Você sabe que horas são? Ele disse, com outra interrogação, desviando a minha pergunta

- E os seus pais? Decidi continuar com esse mecanismo de perguntas atrás de perguntas. Eu não iria responder nada.

- Se eu contar o que eu estou fazendo aqui você me conta também?

- Sim, eu disse, esquecendo completamente o joguinho das perguntas, do que passou pela minha cabeça um segundo antes e esquecendo principalmente que era um estranho.

- Eu não tenho nenhum outro lugar onde ir, ele disse.

- Por quê?

- Você disse que se eu falasse você fala.

- Mas isso não foi nada específico.

- Hmm, talvez.

- Eu estou aqui porque... eu não quero estar onde eu devo estar. Eu respondi tentando agir como ele, dando poucas informações

E ficamos assim mais um pouco. Sem falar nada. De repente, de novo, sem a influência de qualquer fator externo, ele ficou de pé. Até então ele estava do meu lado sentado no banco. Eu nem controlei nada, mas quando eu percebi, estava de pé, do lado dele.

- O que foi? Ele disse  
- Aonde você vai?  
- Acho que já vou indo.  
- E vai me deixar aqui sozinha? Você sabe que horas são? Eu disse, repetindo essa mesma pergunta sempre  
- Para onde você vai?  
- Eu realmente não tenho a mínima ideia... e você?  
- Estamos na mesma situação.  
- Então...  
- Vamos continuar juntos pelo menos até amanhecer? Ele falou, lendo meus pensamentos.

E nós começamos a andar. Eu estava andando do lado de um menino que não conhecia, mas estava tranquila. Estava feliz por ter saído da praça. Só estávamos andando. Eu não tinha a mínima ideia se tínhamos um destino ou se estávamos só andando.

Ele parecia conhecer o caminho. Mas não comentou nada. Estava tudo muito quieto. Só ouvia o barulho dos nossos passos. Era estranho. Nós não estávamos conversando. Mas ao mesmo tempo parecia que estava conhecendo ele melhor a cada passo. Estava olhando para ele no caminho inteiro praticamente. Quando ele olhou para mim, eu desviei o olhar, e, percebi que uma coisa que me assustou: estávamos em um lugar desconhecido por mim.

Eu tinha morado nessa cidade durante 16 longos anos, eu não saio muito, mas eu conheço o lugar. Ou pelo menos achava que conhecia. Olhei de novo para ele, que ainda estava olhando na minha direção, e, estranhamente, me senti segura, em uma rua que eu não conhecia, do lado de uma pessoa que eu nem sabia o nome.

-Que foi? Ele falou  
Acho que eu estava sorrindo.  
- Qual é seu nome? Perguntei.  
- Por quê?  
- Como assim, por quê? Vamos ficar juntos até amanhã. Não é o mínimo saber seu nome?

- Para que serviria?

- Se eu soubesse seu nome, eu poderia te chamar e você se reconheceria.

- Somos só nós dois, se você falar qualquer coisa, eu vou saber que está falando comigo. A não ser que você fale sozinha, mas mesmo se você soubesse meu nome, não ajudaria. Meu nome é...

Ele me disse seu nome, mesmo assim. Eu já tinha esquecido seu nome um pouco depois. Mas ele tinha razão. Não ia servir para nada. Éramos só nós dois. Ele não perguntou o meu nome. Não vejo motivos para que ele queira saber meu nome. Nem faz sentido eu querer saber o dele.



## CAPÍTULO 4

Continuamos andando. Chegamos a um lugar que eu nunca tinha ido. Mas era lindo. Era um jardim, um parque. Tinha árvores, por toda parte, plantas... Estava abandonado. Esse tipo de jardim costuma estar cuidado, com todas as árvores cortadas em uma forma certa, todos os arbustos perfeitos. Eu conhecia esse tipo de jardim (era simétrico, dava para ver que as árvores tinham uma forma geométrica antes do abandono...). Era um jardim francês. Abandonado. Estávamos em altura. Tinha uma vista linda.

Fomos andando em direção à varanda. Não era exatamente uma varanda, acho que era mais uma barreira para proteger as pessoas de cair. Ele chegou do lado da barreira e sentou na grama. Automaticamente, eu sentei na sua frente, a uma distância de uns dois metros. Não queria ter sentado tão longe. Mas já era.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Olhando um para o outro. Eu sorri. Ele sorriu. Ele levantou. Eu ia levantar, mas ele me impediu. Não queria que ele fosse embora, que ele me deixasse. Nesse momento, eu tinha certeza de que ele iria embora e eu nunca mais o veria. Aí, eu cruzei seu olhar e soube que eu estava errada. Eu fiquei mais calma. Ele falou:

- Está com fome?

Eu estava sim, mas não queria que ele fosse embora buscar comida. Então respondi que não, mas não adiantou nada, ele já tinha entendido.

- Está sim.

- Sim, mas o que podemos fazer? Ir no mercado comprar alguma coisa?

O mercado está fechado e eu não tenho dinheiro.

- Você está com fome, sim ou não?

- Sim, mas...

- Eu já volto, ele disse me cortando e andando para longe.

## CAPÍTULO 5

Eu estava achando que ele tinha me abandonado. Que não ia voltar nunca mais. Precisava vê-lo de novo. Eu tentei me acalmar. Eu estava sem nada para contar o tempo. Pelo menos se soubesse, eu teria ficado menos desesperada. Ou talvez não. Não tenho a mínima ideia. Estava mais frio e meu casaco já não aguentava. Eu não conseguia me convencer que ele ia voltar. Eu precisava que ele me dissesse que não iria embora. Porém, ele me deixou e nunca mais vou o ver. Talvez seja melhor. Eu nem o conheço.

Eu levantei e fui andando para a direção contrária pela qual a gente tinha chegado e ele tinha saído. Acho que o jardim tem duas entradas. Não sabia que fazia tanto frio de noite. Saí do jardim por um grande portão que tinha lá. Fui andando. Morei perto de lá minha vida toda e nunca tinha visto esse lugar.

Ainda estava achando isso estranho. Eu estava muito longe? Eu estava completamente perdida. Tinha deixado ele para trás. Na verdade, ele que tinha me deixado para trás. Não sei porque estava com a sensação de que eu que tinha o abandonado e não o contrário. Mas ele não voltava e eu esperei muito, eu acho. Estava em um lugar no qual eu nunca mais voltaria. Eu já sabia disso. Nunca conseguiria voltar lá. Nunca conseguiria achar o caminho com meu senso de orientação péssimo. Estava andando fazia um tempinho. Estava mais que perdida. Eu simplesmente sentei onde eu estava. Estava com medo. Porém, mesmo nesse momento, apreciava e aproveitava cada coisa que eu fazia por livre e espontânea vontade. Não sabia o que fazer. Mas, de novo, não pensei em nada disso, só depois que consegui colocar palavras no que eu estava sentindo. Pensei em voltar para o jardim. Eu não conseguiria.

Acho que já estava longe demais para eu conseguir achar o caminho sozinha. Mas levantei. Era a última coisa que eu queria fazer. Queria ficar sentada lá para sempre. Porém, sabia que precisava levantar. Não queria levantar pois sabia que era o que eu devia fazer. Se meus pais estivessem

aqui, eles me falar para ficar de pé. Fiquei de pé mesmo assim, lembrei que estava sentava no meio da rua e que isso definitivamente não era algo que eu deveria fazer. Fui andando aleatoriamente. Estava com sono. E com frio. E com fome. Tive a impressão de ver o portão. Não era nada. Era só meu cérebro me confundindo.

## CAPÍTULO 6

Estava andando há um bom tempo. Com certeza estava bem longe do jardim. Meus olhos estavam fechando. Mas o caminho parecia familiar. Estava andando como se eu soubesse para onde estava indo. Só entendi porque esse caminho estava familiar quando cheguei.

Estava na frente da minha casa. Da casa da qual eu fugi. Eu estava lá. Um ímã imaginário tinha me levado de volta para lá. Comecei a chorar. Não sabia o que fazer. Não conseguia fugir. Foi aí que percebi que nunca conseguiria escapar do que está planejado para mim, sempre voltarei para essa casa. Pensei em entrar lá por onde eu saí horas antes... Voltar para aquela casa que não ajudava em nada tentar fugir. Meus pais não devem ter percebido minha ausência ainda. Talvez eles achem que eu estava estudando até tarde...

Ouvi alguém chamar meu nome. Saí correndo. Não estava vendo nada por causa das lágrimas, mas continuava correndo e correndo. Ouvi alguém correr atrás de mim. Acelerei. Fui correndo na maior velocidade que eu conseguia tentando não tropeçar em nada, nem cair. Não aguentava mais correr. Não sabia que era humanamente possível correr tanto só com a força da adrenalina. Que a força do meu corpo era praticamente inexistente. Mas corria e não parava. Até que chamaram meu nome de novo. Só que dessa vez... Eu reconheci a voz... Olhei para trás.

Era *e/le*. Não tinha reconhecido sua voz, nem tinha reconhecido seus passos... Ele sorriu, eu sorri. Ainda estava chorando. Não falamos nada. Ele pegou minha mão e começamos a andar. Não reconhecia o caminho. Ele parecia saber aonde estava indo. De novo. Eu só me deixei ser levada por ele.

Voltamos para o jardim. Aquele lugar mágico onde eu jurava que nunca mais voltaria. Ele nos trouxe de volta para cá. Só quando eu cheguei que

percebi que tinha esquecido minha mochila quando eu tinha abandonado ele.... Não tinha nada mesmo na mochila. Ele soltou minha mão e me entregou a mochila. Eu peguei, ela estava pesada. Uma mochila sem nada não era para ter esse peso. Olhei para ele, abri a mochila. Dentro tinha comida. Ele ia mesmo voltar e eu que abandonei ele. E não o contrário...

Expliquei para ele tudo. Ele entendeu. Na minha mente, tinha se passado horas do momento que ele saiu para pegar comida e o momento que eu fui embora. Ele disse que não tinha ido longe e que “Olha, a lua não mexeu tanto”. Eu não sabia onde a lua estava quando ele saiu, mas ele deve ter razão.

Conversamos muito. Quanto mais nós conversávamos, mais eu ia gostando dele, mais eu ia gostando do jeito que ele era sincero, espontâneo, mas preocupado, gostava da expressão que ele tinha em seu rosto. Seus olhos eram tristes, mas ele não parecia triste. Nem feliz. Parecia que ele ia morrer, que sabia disso e que estava tranquilo com isso. Comemos. Estava cansada. Nós dois estávamos, nós corremos muito... Estávamos quase dormindo quando percebi um detalhe que tinha me escapado: ele tinha me chamado pelo meu nome, eu não tinha contado meu nome a ele. Disse:

- Você me chamou pelo meu nome... como?

- Sua mochila... Ele disse quase dormindo

Estávamos deitados. Eu sentei. Logo em seguida ele sentou também.

- Como você sabe? Não tem meu nome nessa mochila...

- Mas tinha na sua antiga... Mochila.

- Quê?

- Você vendeu sua mochila, certo?

- Sim... como você sabe?

- Entrei na loja logo depois de você. Pedi para ver a mochila e pronto, descobri seu nome.

- Você me viu saindo de casa?

- Sim.

- Então sabe onde eu moro e por isso foi lá me procurar...

- Isso.

- Por quê?

- Por que o quê?

- Que você fez tudo isso?

- Eu te vi pular da janela do seu quarto, fiquei curioso. Só isso. Fui até a praça para ver se você ia ficar bem. Inclusive não entendi porque você foi lá.

Você não sabia que é perigoso?

- Foi o único lugar que veio na minha cabeça...

- Porque você veio sentar no banco comigo?

- Não sei, você estava tão perdida, talvez eu tenha me identificado, quis te ajudar, tive a impressão que eu te conhecia também... mas sei que nunca te vi. Não consigo explicar...

- Como assim se identificou...?

Ele já tinha dormido. Eu também tinha a impressão que o conhecia... Mas ao mesmo tempo... Tinha certeza que eu nunca tinha nem cruzado com ele. Exatamente do mesmo jeito que ele disse que me conhecia.

Pela única vez dessa minha saída passou pela minha cabeça que estava fora de casa, com um estranho, que eu me sentia completamente segura, que iria dormir na grama...

## CAPÍTULO 7

Acordei. Não sabia que horas eram. Ainda estava escuro. Ele já estava acordado. Perguntei que horas eram. Ele não sabia, claro. Foi tão automático. Perguntar as horas. Somos presos ao tempo. Acho que de vez em quando deveríamos ignorar todos os relógios existentes e só viver. É exatamente o que eu estava fazendo. E mesmo assim, sabendo que não tínhamos relógio nem nada, eu perguntei as horas. É possível que eu tenha perguntado a hora só para falar alguma coisa. Para avisar que estava acordada. Mas eu poderia ter falado qualquer coisa.

Eu levantei. Imaginei que iríamos para algum outro lugar agora que estávamos acordados. Não estávamos muito descansados. Dormimos pouco. Mas foi o suficiente. Mas ele não levantou.

- Vamos ficar um pouco mais, ele disse
- Por quê?
- Você vai ver.

Eu não entendi nada, mas eu tinha acabado de acordar e na verdade eu não queria sair andando por aí. Podemos ficar um pouco mais. Eu sentei.

- O que você está fazendo aqui? Eu perguntei, do nada, como se ele fosse entender do que eu estava falando.

- Se eu te contar minha história você me conta a sua?

Ele tinha entendido.

- Combinado.

Então ele começou a falar e a contar toda a vida dele. Nunca achei que alguém poderia se abrir assim para mim. Sua vida parecia uma história de livro:

Quando ele tinha menos de três meses, seus pais tinham o abandonado na frente de um orfanato. O orfanato era péssimo. Quando criança, ele achava que seus pais viriam buscar ele um dia. Os anos foram passando e nada. O orfanato não sabia nem o seu verdadeiro nome. Ele disse que talvez ele nem tivesse nome. Quando ele tinha uns 11 ou 12 anos, tentou fugir para ir atrás dos pais. Mas ele tinha um problema: ele não sabia nada dos pais, poderia ser qualquer pessoa.

Então ele decidiu andar pelas ruas esperando que algum adulto o reconhecesse. Ele ficou uma semana andando. Ninguém o reconheceu. As pessoas do orfanato o acharam e ele voltou para lá. No dia que acharam ele e o trouxeram de volta, lhe disseram algo que ficou em sua mente para sempre: “Se seus pais te deixaram aqui, é porque eles não te querem, se fosse o contrário, eles já teriam vindo te buscar ou não teriam nunca te deixado aqui”, e ele não sabia como ele não tinha chegado nessa conclusão antes.

Ele passou mais cinco anos no orfanato. Quando ele completou 16 anos (ano passado), organizou tudo e foi embora de vez. Agora ele tem 17 anos. Falta um ano para ele conseguir sua liberdade total. Agora, se alguém do orfanato o achar e quiser levar ele para lá, ele pode. Depois dos 18, não. Ele não tem casa, ou melhor, tem em todo lugar. Disse que um dia poderia me levar para sua casa preferida, era uma casa abandonada e com arquitetura antiga. Eu disse que queria muito ir lá e eu queria mesmo, mas eu realmente não sei se vou estar com ele daqui algumas horas.

Depois, eu expliquei minha situação. Conteí minha história, como ele disse. Gostei do termo. Considerar nossas vidas de fugitivos como histórias. Contos. Conteí dos meus pais, de como eu era até ontem, de como eu saí do nada pela janela, sem pensar em nada, eu lhe expliquei tudo. Nunca achei que eu poderia me abrir assim para alguém. Principalmente alguém que eu conheço a tão pouco tempo. Mas ele não era mais um desconhecido.

O céu estava começando a clarear. Tudo estava ficando mais claro e eu consegui pela primeira vez, ver o jardim do jeito que ele era. A noite deixou tudo mais bonito. O dia revela o que a noite escondeu. Estava cheio de lixo, sacolas em todo lugar. As plantas estavam mortas. Estranho. Ontem à noite, tive a impressão que estava tudo vivo e verde. Eu deveria ter ido embora

quando eu tinha levantado, logo depois de acordar... Um pensamento veio a minha cabeça: e se o dia tinha tirado toda a beleza dele, assim como fez com o jardim? Virei a cabeça em sua direção, devagar... Ele estava lá. Do mesmo jeito. Estava aliviada. Ele estava sorrindo. Ele mostrou o horizonte.

O sol estava nascendo. Era lindo. Simplesmente. Não tenho outras palavras. Fiquei feliz de não ter ido embora. Ficamos lá até o sol sair completamente do horizonte.

## CAPÍTULO 8

É agora que meus pais iriam perceber. Talvez nesse exato momento. Eu conheço meus pais. Normalmente eu consigo prever cada movimento deles. Esses dias estavam sendo uma exceção. Não consegui prever como eles iriam reagir quando fui ver eles para conversar sobre a prova que eu não queria fazer para a escola que eu não queria entrar. Eles nem quiseram me ouvir. Não consigo saber como eles vão reagir quando perceberem que eu não estou no meu quarto nem em nenhum lugar. Daqui a pouco seria aquela prova. Iriam me procurar?

Estávamos andando. Estava tensa. Ele percebeu e perguntou qual era o problema. Eu falei:

-Vamos para longe. Onde ninguém poderá nos achar.

- O que foi?

- É agora. Meus pais vão perceber que eu não estou lá...

- Você quer voltar?

- Eu deveria?

- Achei que o objetivo de ter saído de lá era não fazer o que você deveria fazer. Ter suas próprias regras.

- Eu preciso voltar. É muito difícil. Eu não sou tão forte como você e não conseguiria sobreviver.

- O que você quer? Você, não seus pais.

- Eu... não quero voltar para lá...



Cada segundo que passava eu me sentia mais livre, mais longe daquela casa, que, mais cedo, achei que era impossível fugir. E para mim, sozinha, era impossível fugir. Porém, naquela hora, quando eu estava na frente de casa, ele tinha chegado, e tinha me tirado de lá. Ele tinha chamado meu nome e tinha me salvado.

- Podemos ficar juntos, se quiser, eu te ajudo a sobreviver, ele disse, usando meus próprios termos e lendo meus pensamentos não formulados.

É tudo que eu queria, mas ao mesmo tempo... Eu não sei o que me impedia.

- Sim.

- Sim?

- Sim, eu confirmei, vamos.

E fomos andando na direção de um lugar longe onde não poderiam nos achar. Estávamos decidindo para onde iríamos. Queríamos ir para outra cidade. Ir para a praia. Algum lugar bem longe. Ele perguntou se eu queria buscar alguma coisa na minha casa antes. Sim, eu queria, mas tinha medo. Medo de voltar lá. Mudamos de direção e fomos em direção a minha casa mesmo assim. Seria bom se eu conseguisse algumas coisas para nossa viagem. Estávamos bem longe. Andamos muito. Estava com medo que alguém me reconhecesse.

-Vão me reconhecer, disse, eu vou ter de voltar para casa se isso acontecer.

- Talvez as pessoas não saibam que você saiu.

Ele falou que eu “saí”. Ele não falou que eu tinha fugido. Ele dizia isso como se eu tivesse simplesmente ido viver minha vida. E não estivesse tentando escapar de algo. Mas ele tinha razão. Eu fui viver minha vida. Ainda estava tensa e incomodada com as pessoas em volta.

- Vão me reconhecer, eu repeti.

Ele olhou para mim e mudamos de novo de direção e decidimos que voltaremos aqui de noite. Seria mais seguro para nós.

As ruas estavam começando a ficar mais movimentadas. Sabia que, se eu não estivesse aqui, se eu não tivesse saído pela janela ontem a noite, eu estaria em uma sala de prova, me preparando para cinco ou seis horas de

prova. Esse pensamento me lembrou da minha liberdade e me fez sorrir. Ele sorriu também. Fiquei me perguntando se, como eu, foi um pensamento que o fez sorrir, ou se foi uma consequência ao meu sorriso. Estava feliz. Realmente feliz. De um jeito que parecia que nunca ia acabar a felicidade. Eu nunca estive assim.

Acabamos voltando para o jardim. Quando vi o portão, eu parei. Não queria entrar lá. Ele insistiu. Não sei por que. A gente já tinha ido naquele lugar umas duas vezes. Perguntei por que ele queria voltar lá de novo. Ele respondeu:

- Uma das minhas casas é aqui.

Fomos lá então. Não tinha percebido antes, mas, tinha uma casa. Abandonada. Escondida atrás de árvores. A casa tinha uma arquitetura antiga. Francesa. Para combinar com o jardim. A casa estava no canto do jardim. Nada simétrico. Quebrando os padrões do jardim francês.

Mas a casa era bonita. A pintura estava descascando, mas dava para ver que, um dia, a casa foi pintada de um rosa salmão. Hoje em dia, a casa estava quase marrom. Tinha somente térreo. Não tinham andares. Tudo isso explica a facilidade com a qual ela se camuflou no jardim.

- Essa é sua casa preferida? Perguntei, lembrando do que ele tinha me falado.

- Sim.

- Estávamos aqui desde o começo e você não falou nada.

- Você não perguntou.

Ele tinha razão. De novo. Eu não perguntei.

Entramos. Era exatamente como era de se esperar. Os móveis tinham o mesmo estilo que a casa, que tinha o mesmo estilo que o jardim. Tudo estava velho. Mas não estava tão sujo quanto era de se esperar. Eu estava ainda na entrada quando ele voltou de dentro da casa com uma mochila cheia e disse:

- Vamos.

Eu queria ver a casa, mas ele parecia com pressa e um pouco contrariado. E a casa era dele (tecnicamente não, mas na prática sim), eu não podia só entrar.

Segui ele então. Não falei nada. Não sei porque. Nunca iria saber o que tinha dentro da casa que o deixou assim.

De manhã, o dia estava claro, com poucas nuvens. Já estava de tarde. Agora, o dia estava cinza. Pensei que talvez iria chover. Senti um vento de chuva e tive certeza.

- Vai chover, eu disse, caso ele não tivesse percebido

Ele não tinha percebido. Ele estava pensando profundamente. Eu tinha o tirado dos seus pensamentos. Ele balançou a cabeça como se quisesse tirar algo de sua mente.

- É melhor irmos agora pegar suas coisas agora. Podemos passar a noite aqui, ele disse apontando para a sua casa.

Ele tinha razão. Não queríamos ser surpreendidos pela chuva. Eu não costumo ter nada contra a chuva. Eu passei minha vida toda em casa. Sempre preferi quando chovia. É melhor ficar em casa em um dia chuvoso do que com o sol brilhando. Eu deixava minha janela aberta em dias de chuva para que as gotas possam entrar, colocava minha escrivaninha na frente da janela para poder estudar sentindo as gotinhas e o vento de chuva. Minhas folhas ficavam cheias de gotinhas e sempre voavam para todos os lados. Porém, hoje, não podíamos ser surpresos pela chuva. Eu tinha só essa roupa. Eu ia pegar outras em casa. Pegaria minhas economias também. Eu teria outras roupas na condição de eu conseguir entrar no meu quarto pela janela, esperando que a janela estivesse aberta. Seria muito difícil.

Fomos andando em silêncio.

- E se não der certo? Perguntei.

Ele não respondeu nada. Eu estava tão preocupada que não ligava se as pessoas me reconhecessem. Chegamos à um ponto que já dava para ver minha casa. Ele perguntou se eu queria que ele viesse comigo. Eu respondi que não precisava. A janela estava aberta. Fiquei aliviada. Combinamos de nos encontrar na loja onde eu troquei minhas roupas no dia anterior. Nos abraçamos e eu fui.

## CAPÍTULO 9

Cheguei embaixo da casa. Era mais alto que eu lembrava. Descer é sempre mais fácil. Tinha uma árvore na qual eu podia me apoiar. Subir não seria problema no final das contas. Olhei para trás uma última vez e o vi. Ele disse algo, mas não entendi. Estávamos longe. Apontei a direção da loja e tentei parecer confiante. Ele balançou a cabeça confirmando. Comecei a subir. Sentia que ele ainda estava me olhando. Isso parecia uma despedida. Porém, nós iríamos nos encontrar de novo. Iríamos morar na praia. Juntos. Continuei subindo. Estava concentrada e não olhei para dentro do meu quarto antes de entrar. Por isso, quando percebi, já era tarde demais.

Meus pais, os dois, estavam sentados, no meu quarto, olhando para mim. Eles pareciam aliviados quando me viram. Olhei através da janela. Tentando ver ele uma última vez. Não consegui.

Olhei para um relógio. Eram 18 horas. Eu tive quase exatamente 24 horas de liberdade. Estava presa nessa casa novamente.

## CAPÍTULO 10

Hoje, faz dois meses que isso aconteceu. Desde então, eu não tenho como escapar. Minha rotina é mais severa ainda. Amanhã vou para uma escola na qual eu realmente não quero ir: um pensionato. Se eu não tivesse nenhuma razão para ficar aqui, eu iria sem reclamar, sem nem pensar.

*Ele* com certeza já esqueceu de tudo. Porém, eu ainda tenho esperança. Eu tenho esperança que um dia, ele volte. Se eu tivesse um segundo livre, eu sairia pela janela, sem mesmo pensar. A busca do jardim. Eu vou embora amanhã e eu não posso fazer nada para impedir isso. Não posso mais fazer nada.

Hoje está chovendo. Como é meu último dia aqui, eu não tenho nada para fazer a não ser arrumar minhas coisas, então fico fazendo minha mala e vendo a chuva cair através da janela fechada.

